

Geração beat: uma arte de amigos

Wander Wilson Chaves Júnior*

Resumo:

Este artigo analisa a relação entre literatura e vida no interior da geração *beat*. Nesta geração, inúmeras foram as práticas de si relacionadas à amizade e à literatura, como o sexo e as correspondências, aqui enfatizadas por meio de Allen Ginsberg e William Burroughs. As existências *beats* provocaram o seu tempo e, além dele, reverberando até os dias de hoje, não apenas como exemplo de uma *vida como obra de arte*, mas como inquietação atual.

Palavras-chave: geração *beat*, estética da existência, ética

Abstract:

This article analyses the relationship between literature and life within the beat generation. This generation had an outnumbered practice of the self related to friendship and literature, such as sex and letters, here emphasized through Allen Ginsberg and William Burroughs. The beat existences provoked its time and beyond it, reverberating until today not only as an example of “life as a work of art” but as a current uneasiness.

Keywords: beat generation, aesthetics of existence, ethics.

* Mestrando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Graduou-se em Ciências Sociais na mesma Universidade.

Em meados da década de 1940, os Estados Unidos presenciaram a emergência de um grupo de jovens interessados na prática literária e nos possíveis transbordamentos entre literatura e vida. Trata-se da geração *beat*, jovens em associações múltiplas que trabalharam sua arte sem manifestos ou programas, mas, tomando por base suas experiências corriqueiras com o sexo, as drogas, as viagens, a loucura e as prisões. Esses amigos apresentavam estilos literários bem diversos entre si, mas contribuíam generosamente para uma produção conjunta de livros, tanto por meio da troca de correspondências quanto por livros escritos em associação. Era um espaço aberto entre amigos.

As pessoas que integraram essa geração apresentavam um perfil bem diferente. Pode-se citar Jack Kerouac, católico, que ficou famoso pela escrita rápida e direta de *On the road*; William Burroughs, conhecido pelo uso excessivo de drogas e por uma escrita fragmentária e não linear, como em *Almoço Nu*; Allen Ginsberg, poeta judeu de versos longos e viscerais; Gary Snyder, poeta zen-budista de versos curtos, influenciado pelos *haikais* japoneses; e ainda Herbert Huncke, um pequeno ladrão viciado em heroína que só desenvolveu sua escrita em meados dos anos de 1980. A amizade, como umas das tônicas dessa geração, aparece em seu interior como suporte para um trabalho ético-estético no qual se produzem *subjetivações*. Para este artigo tornam-se importantes as considerações realizadas por Michel Foucault a respeito de uma estética da existência, e os percursos abertos por Edson Passetti, em seu livro *Ética dos amigos: invenções libertárias de vida*.

No referido livro, a amizade é analisada ao longo de sua produção histórica desde o pensamento pré-socrático, passando por deslocamentos de sua produção entre estoicos ou a sociedade de amigos dos epicuristas. Assim, se mostram diferentes *estilos* de

amizade que emergem em determinado momento, tal qual como eles se desdobram em outras experiências. Passetti situa que:

O percurso da reflexão de Foucault sobre a estética da existência, interrompido pela morte prematura, não nos leva, nem deveria levar, a uma conclusão definitiva sobre ela; apenas nos coloca numa encruzilhada na qual se apresentam diversos caminhos. O caminho que percorro diz respeito à amizade como componente da *associabilidade libertária*, percurso iniciado até aqui com base na descontinuidade legada pelo pensamento pré-socrático.

Este artigo propõe um desdobramento do percurso deste livro, sinalizando parcialmente algumas experiências realizadas entre amigos, durante a geração *beat*, observando a amizade fora de cristalizações e universalizações. Cabe, portanto, perceber a amizade como uma *associabilidade*, pelas diferenças existentes nas pessoas que participaram do que se convencionou chamar geração *beat*, observando os acontecimentos no interior de sua ausência de *normatividade*. A associabilidade é aqui entendida a partir da noção de associação de Max Stirner, para quem “a associação, (...), é criação minha, criatura minha não sagrada nem força espiritual acima do meu espírito, tão pouco como qualquer associação de qualquer tipo” (STIRNER, 2004, p.242). Na associação, “tu contribuis com todo o teu poder, a tua riqueza, e assim *te fazes valer* (...)” (idem, p.246). A associação escapa a programas, não se cristaliza em torno de princípios ou práticas bem acabadas, mas elabora-se constantemente, não em virtude de um ideal de liberdade, mas por meio da valorização de *singularidades*. É uma prática de amigos de tradição libertária; a amizade

dos amigos, libertária, dimensiona problematizações acerca da história da amizade, lá onde o crepúsculo admirável de nossa vida nos faz recomeçar sempre. Não mais sociabilidade, para todos ou muitos, mas miríades de associações (PASSETTI, 2003, p.109).

Não se trata de definir um conceito para a amizade, mas esboçar algumas possibilidades de sua emergência em meio à *associação* desses jovens estadunidenses. A produção de um modo de vida que não separava amizade do sexo, mas o incluía a partir do sexo entre uns, ou muitos.

Sexo e amizade

Em 2010, foi lançado o filme *O Uivo*, de Jeffrey Friedman e Rob Epstein, baseado em documentos do processo por obscenidade que o livro homônimo de Ginsberg recebeu, após a sua publicação, em entrevistas e no próprio livro. Uma das falas do filme, que faz menção a Ginsberg:

Até os meus dezoito anos era virgem. Era incapaz de alcançar o corpo de alguém, de alcançar o desejo. Sentia-me acorrentado. Jack deu permissão para me abrir, ele era um poeta romântico. E ensinou-me que a escrita é pessoal, que vem do próprio escritor, do seu corpo, do seu ritmo respiratório, da sua fala. (...) Jack foi a primeira pessoa com quem me abri e disse: “sou homossexual” (EPSTEIN; FRIEDMAN, 2010).

Allen experimenta seu sexo em meio aos seus novos amigos, e não só; também desenvolve a sua escrita, esta forma de escrita pessoal que parte das entranhas e é tão martelada por todos

os *beats*. Os vínculos aqui não excluem o sexo da amizade, o que não significa que não tenha criado tormentos e frustrações por paixões não correspondidas, mas, para além disso, o que se afirma é a amizade. A biografia de Kerouac, escrita por Barry Miles, também apresenta esse tipo de relato:

Foi durante uma de suas conversas que varavam a noite, deitados na cama enquanto a aurora se aproximava, que Ginsberg confessou pela primeira vez a alguém que era homossexual. Ele sabia que Jack não rejeitaria sua confissão, mesmo que não estivesse sexualmente interessado nele. Allen disse a ele que o amava, e Jack soltou um longo suspiro, não de raiva, mas por todas as complicações a que isso por certo levaria. Allen permaneceu virgem e só teve sexo com Jack seis meses depois (MILES, 2012, pp. 101-102).

O escritor se apaixonou por seu amigo Jack Kerouac e transou com ele, com Burroughs e com Neal Cassidy. Cassidy era filho de um morador de rua e ansiava ser escritor, o que tentou aprender com Jack Kerouac. É o herói do livro *On the Road* e também está presente em *O Uivo*. Era o amigo inseparável de Kerouac, seu companheiro pelas longas viagens para o oeste.

Cassidy e Kerouac eram figuras bem masculinas, sempre apresentadas como sedutores, protagonistas de várias histórias narradas com relacionamentos com mulheres. Ginsberg foi apaixonado pelos dois, e se frustrou por nenhum deles querer um relacionamento amoroso com ele, dando preferência ao sexo com mulheres. Encontrou seu companheiro Peter Orlovsky, em 1954, parceiro que esteve junto com ele por décadas, mesmo ambos tendo relacionamentos com outras pessoas (juntos ou separados). As relações de amizade não eram separadas das relações sexuais.

Tal prática de sexo entre amigos, experimentada por Ginsberg e Orlovsky, também aparece em uma viagem dos dois para o Marrocos. No final de 1954, Kerouac dissera a Burroughs que Ginsberg queria que ele fosse até São Francisco para viverem juntos. Burroughs foi para *Palm Beach* na Flórida, disposto a ir depois para São Francisco, mas Ginsberg rechaçou a possibilidade de ficarem juntos por uma carta, o que o fez sentir um pouco desamparado e mudar o rumo da viagem para Tânger, uma cidade marroquina. A maior parte de seu livro *Almoço Nu* é produzida durante esse período, época em que Burroughs teve uma vivência conturbada em relação ao uso de heroína. Trocava cartas regularmente com seu amigo Ginsberg, que decidiu ir vê-lo, na companhia de Orlovsky, em 1957.

At this time, Peter and I decided that since he was so lacklove, the two of us would take him on and do anything he wanted, satisfy him. So we went to Tangier to fuck him. To exhaust his desires, that was our idea. (...) put an end to his misery¹ (GINSBERG apud MILES, 1992, p.79).

Segundo a introdução de *Almoço Nu*, Burroughs chegou a ficar um ano sem tomar banho durante aquele período, e passou dias olhando apenas para a ponta dos sapatos. Mais do que ajudar o amigo que estava com crises de abstinência constantes, o casal Ginsberg e Orlovsky ia lá para fodê-lo, transar com ele, satisfazer os seus desejos. Mais uma vez, não há separação entre amizade e sexo.

Michel Foucault, em “Da Amizade como Modo de Vida”

¹ “Naquele momento, Peter e eu decidimos, já que ele andava tão pra baixo, excitá-lo e fazer tudo que ele quisesse, satisfazê-lo. Então fomos ao Tangier e trepamos com ele. Satisfazer todos os desejos dele, essa era a nossa ideia (...) dar um fim à sua miséria.”

(2010), recusa a pergunta que procura saber qual a verdade do seu sexo ou a definição de quem você é por intermédio da homossexualidade. Propõe uma nova pergunta: “Que relações podem ser, através da homossexualidade, estabelecidas, inventadas, multiplicadas e moduladas?” (FOUCAULT, 2010, p.348). A resposta *beat* seria a amizade. Mesmo o próprio Foucault menciona que o problema da homossexualidade vai em direção ao problema da amizade, um tipo relação que amedronta por expor o que

(...) pode haver de inquietante no afeto, na amizade, na fidelidade, na camaradagem, no companheirismo, aos quais uma sociedade um pouco podadora não pode dar lugar sem temer que se formem alianças, que se estabeleçam linhas de forças imprevistas. Penso que é isso que torna perturbadora a homossexualidade: o modo de vida homossexual, mais do que o próprio ato homossexual (FOUCAULT, 2010, p.349).

A geração *beat* se situa nessas linhas de força imprevistas que não reduzem a homossexualidade ao ato sexual, mas se baseia no sexo para afirmar uma multiplicidade de relações e, acima de tudo, para afirmar a amizade, um modo de vida amigo. Não interessa apontar qual *beat* seria homossexual; mais do que a definição do sexo, interessa o que se produz a partir dele. Edson Passetti mostra a dissolução dessa dualidade, que observamos na geração *beat*, como uma forma de ampliação de liberdade. Vemos uma amizade no sexo entre aqueles amigos. “A amizade e as possibilidades de relações mais livres exigem, entretanto, superação da dicotomia *eros/philia*. As formas de vida possíveis não são redutíveis à escolha sexual”(PASSETTI, 2003, p.110).

A importância da amizade para a produção ética daqueles que perpassaram a geração *beat* não cessa aqui. Podemos ainda mencionar a motivação do primeiro livro escrito por Burroughs, em parceria com seu amigo Jack Kerouac, intitulado *E os Hipopótamos foram cozidos em seus tanques*, que relata o assassinato de seu amigo Dave Kammerer, por seu outro amigo Lucien Carr. Um livro escrito entre amigos pela convulsão² criada pelo assassinato de um amigo por outro.

Burroughs e Ginsberg: trocas de correspondências

William Burroughs³ nasceu em 1914 na cidade de St. Louis, Missouri, no sul dos Estados Unidos da América. Viveu em uma família aristocrata que perdeu a fortuna quando o seu pai se desfez da Burroughs Corporation, fundada a partir da invenção da *burroughs adding machine*, um protótipo de calculadora desenvolvida por seu avô. cursou Literatura Inglesa e Antropologia (interessando-se por arqueologia Maia) em Harvard e, durante algum tempo, recebeu da família uma mesada de cerca de 200 dólares para viver. Ao longo da vida, experimentou praticamente todos os tipos de drogas existentes na época, e se tornou dependente de morfina e heroína.

Entre seus amigos, Burroughs era, muitas vezes, reconhecido como alguém que conta histórias ou alguém que ensina. “Bill era um mentor, mas muito mais do que isso. Era um professor de tudo aquilo que ansiávamos por conhecer. Ensinava-nos sobre restaurantes, psicologia, sabores europeus da vida e muitas histórias fascinantes do submundo. Nós o adorávamos e

² “A perda do amigo é sabida como algo irreparável, esperado, inevitável como a de qualquer animal, e não altera ou introduz apreensão nas relações. O amigo convulsiona o outro mesmo morto; esta é a sua presença atual despojada de idealização” (PASSETTI, 2003, p.128).

³ Para saber mais sobre a biografia de Burroughs Cf. MILES, 1992.

ficávamos fixados em cada palavra que falava” (EDDIE PARKER apud MILES, 2012, p.86)

Manteve-se aconselhando e dando sugestões aos amigos por cartas. Alguns desses conselhos podem ser vistos no livro *Cartas do Yage*, composto a partir de correspondências de viagens entre Burroughs e Allen Ginsberg.

Burroughs viajou para a América do Sul em busca da *ayahuasca* – substância que desperta estados alterados de consciência utilizada de forma ritual por alguns indígenas americanos – e enviou uma série de cartas a Ginsberg durante o trajeto. Sete anos depois, Ginsberg refez o percurso também enviando cartas a Burroughs e pedindo sugestões relativas ao uso de *ayahuasca* e a experimentação com substâncias psicoativas, como se nota neste trecho:

Se eu partir antes de duas semanas e a carta chegar, será prontamente remetida para mim em Lima, assim terei notícias suas, mas quero saber de você, Bill, escreva, por favor, e me aconselhe no que puder, se puder. Não sei se estou ficando louco ou não, e é difícil encarar mais, mas acho que serei capaz de me proteger, tratando aquela consciência como uma ilusão temporária e voltar para a consciência normal temporária quando o efeito passar (começo a vislumbrar o Vodun Haitiano), mas essa quase esquizofrênica alteração da consciência é apavorante (...). Não sei como tudo isso soa para você, mas me conhece razoavelmente bem, então me escreva rápido, por favor (BURROUGHS;GINSBERG, 2008, pp. 85-86).

A resposta de Burroughs veio na forma pedida pelo amigo:

Querido Allen: Não há nada a temer. *Vaya adelante*. Olha. Escuta. Ouve. Tua consciência ayhuaski é mais

válida que a “consciência normal”? “Consciência normal” de quem? Por que voltar a ela? Porque está surpreso em me ver? Você está seguindo meus passos. Conheço vosso caminho. Sim, conheço a área melhor do que você pensa. Tentei contar a você mais de uma vez, comunicar o que sei. Você não ouviu, ou não consegui ouvir. “Não se pode mostrar a alguém algo que essa pessoa não viu.” Hassan Sabbah citado por Brion Gysin. Ouviu agora? (...) Experimente. Você quer “ajuda”. Aqui está. Aproveite. E lembre sempre: “Nada é verdade. Tudo é permitido” (idem, pp. 89-90).

Ginsberg vai até Burroughs para pedir um conselho, e o sugerido é “Experimente”, “Vá adiante”, *não tenha medo de sair fora de qualquer dito de normalidade*. Mas o texto contém também uma série de expressões que lembram uma característica de ensino, de um “passar experiência”: “Conheço o caminho” ou *tentei contar a você e você não me ouviu (portanto ouça desta vez)*. Apesar disso, não há nenhuma norma prescritiva nessas sugestões, tanto que a palavra ajuda aparece entre aspas.

Burroughs é um amigo, e não um professor; não detém (e nem se interessa por) nenhum estatuto oficial que o garanta como alguém em um *grau mais elevado de saber* e, portanto, autorizado a indicar caminhos a serem seguidos. Na carta citada, a amizade se manifesta mais claramente no uso de substâncias psicoativas. Porém, como pretendo* apresentar aqui, aparece também como suporte para a formação da própria escrita de Burroughs, se retomare e desdobrar o sentido das correspondências na antiguidade clássica, por meio da noção de estética da existência de Michel Foucault, em que a amizade aparece como possibilidade de uma produção coletiva que desencadeia subjetivações.

Fundamentando-se em *O uso dos prazeres* e em *Cuidado de*

si, Foucault foca as artes da existência por meio da noção de cuidado de si, como elaboração filosófica ou noção prescritiva na antiguidade grega: *cuida de ti mesmo*. Parte para estes estudos com a finalidade de observar o modo como um sujeito se afirma como sujeito moral de sua própria conduta, mediante uma série de práticas e técnicas, que são os modos de *subjetivação*, a qual está intimamente ligada à liberdade (FOUCAULT, 2009a, pp.35-36), pois se encontra no plano da ética e esta é a sua condição ontológica (FOUCAULT, 2010a, p.267). Diferentemente desses modos, temos os modos de *sujeição*, formas pelas quais os sujeitos se veem obrigados a executar uma normatividade.

Em *A Hermenêutica do Sujeito*, curso proferido no *Collège de France* em 1982, Foucault analisa os modos de *subjetivação* de maneira geral, deslocando-os estritamente das práticas sexuais. O cuidado de si, uma noção que está sempre no campo de uma elaboração ética e estética, é preceito antigo que abarca as *artes da existência*. É uma arte da vida que se atualiza e desloca o sentido durante toda a antiguidade, perdurando até o cristianismo primitivo e reaparecendo na modernidade na forma de fragmentos. A ética como reflexão racional da liberdade na antiguidade perpassava o tema do cuidado de si.

No percurso que se realiza nesse trabalho, Foucault parte da observação dessa prescrição no oráculo de Delfos e analisa a filosofia socrática para pensar que práticas entram no jogo da verdade dessa produção do sujeito por si mesmo na antiguidade. Em determinado momento, leva-nos à relação entre Marco Aurélio e Frontão (Século II) na antiguidade romana, em que podemos estabelecer uma aproximação (com todas as diferenças possíveis também) com a resposta da carta que Burroughs envia a Allen Ginsberg, citada acima, a começar pelo fato de também se tratar de uma troca de cartas.

Marco Aurélio enviara uma carta a Frontão em que falava dos detalhes de sua saúde, sua dieta e sua vida cotidiana; seus deveres familiares e religiosos; e o amor (uma discussão sobre as diferenças entre relações de amor). Nesse trecho, trabalha três áreas importantes para a atualização do cuidado de si no século II: a dietética, a econômica e a erótica, e envia a carta prezando o princípio de cuidar de si mesmo.

Existe uma diferença na elaboração de uma relação de si para consigo entre este momento e alguns casos da antiguidade grega. Em Sócrates, por exemplo, o cuidado de si é uma missão do filósofo, o responsável por cuidar para que as pessoas cuidem de si mesmas. Mas Frontão não é um filósofo, e sim um rétor, alguém que trabalha a arte retórica. Neste caso, existe outro suporte para a afirmação de uma elaboração ética relativa ao *cuidado de si*.

Na realidade o que lhe serve de suporte é a amizade, a afeição, a ternura, que como vemos, tem um papel mais importante. Este papel aparece aqui em toda a sua ambiguidade, e continua sendo difícil de ser decifrada, aliás, nas outras cartas, em que há referência ao amor por Frontão, ao seu amor recíproco, ao fato de que sentem falta um do outro quando se separam, de que mandam beijos no pescoço um do outro quando se separam, etc. (FOUCAULT, 2006, p.196)

Nesta passagem do curso é explicitada a amizade como possibilidade do cuidado de si, portanto, como suporte para uma *estética da existência*. As relações tomadas como elaboração do *ethos*, como uma ética refletida, vinculada ao preceito do cuidado de si, precisam da relação de um outro, seja este outro filósofo, guia, conselheiro, ou amigo. “O êthos também implica

em uma relação com os outros já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade (...) – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade” (FOUCAULT, 2010a, p. 271).

A troca de correspondências é uma das formas relativas a um exercício da constituição de si durante a antiguidade. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que envia, assim como, pela leitura e releitura ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2010a, p.153). Tal prática apresenta um trabalho duplo: primeiro, por um exercício da escrita, relativa a temas evocados da própria existência de quem escreve; segundo, pelo trabalho de leitura por quem recebe a carta, trabalho este responsável por uma elaboração de si, baseado na escrita e no conteúdo de um conselho requerido em uma carta anterior.

Essa é uma forma de transformação da verdade em *ethos*, característica da antiguidade. Por mais que alocada em uma prática específica de filósofos ou amigos como Marco Aurélio e Frontão ou Sêneca e Lucilius, distantes no tempo-espaço de Burroughs, é possível realizar uma aproximação e observar alguns respingos de um trabalho ético pela forma de trocas de correspondências.

Desta maneira, nota-se que, ao mesmo tempo, Burroughs aconselha o amigo e trabalha uma experiência que teve: o percurso pela América do Sul e o uso da *ayahuasca*. Não é simplesmente um conselho didático ou pedagógico, mas é um conselho que se origina da emergência textual de seu estilo de vida.

Outro aspecto importante é que essa carta também apresenta um exercício da própria escrita de Burroughs, relativa a temas que já foram ou serão trabalhados posteriormente por ele. Na continuação da carta, ele compõe um texto, influenciado pelas

palavras de Hassan Sabbah, que lhe foram transmitidas pelo seu amigo Brion Gysin, um pintor inglês com quem morou.

As Últimas Palavras de Hassan Sabbah, o velho da montanha.

ESCU TA MINH AS ÚLTIM AS PALAVRAS, QUALQUER MUNDO. ESCUTEM TODOS VOCÊS, JUNTAS SINDICAIS E GOVENO DA TERRA. E VOCÊS, PODEROSAS POTÊNCIAS ATRÁS DA IMUNDÍCIE COM A QUAL LIDAM, CONSUMIDOS EM QUAL LATRINA, PARA TOMAR O QUE NÃO É VOSSO. (...)

SAIAM DA PALAVRA TEMPO PARA SEMPRE. SAIAM DA PALAVRA CORPO PARA SEMPRE. SAIAM DA PALAVRA MERDA PARA SEMPRE. TODOS FORA DO TEMPO E PARA O ESPAÇO. NÃO HÁ NADA A TEMER. NÃO HÁ NADA NO ESPAÇO (...) A ESCRITA DO SILÊNCIO.

ESO É S TODO TODO TODO HASSAN SABB AH (BURROUGHS; GINSBERG, 2008, pp.90-91).

Neste trecho da correspondência não há exatamente uma “ajuda”, mas apresenta um texto de Burroughs, um exercício do próprio escritor enviado a seu amigo Allen Ginsberg. Evoca temas que aparecerão mais bem desenvolvidos em textos futuros. Trata-se, por exemplo, da quebra das palavras, advinda da importância do silêncio, e de uma crítica à linguagem (como em *A revolução eletrônica* de 1970), além de uma imundície presente nas atividades políticas, tanto por parte do governo estatal quanto em organizações como as juntas sindicais (como em *Roosevelt after inauguration* de 1975). Em um livro escrito posteriormente à redação dessa carta, *Nova Express*, de 1963, as palavras constantes da referida correspondência aparecem trabalhadas de forma quebrada e aleatória. Esse texto também foi gravado em áudio no CD *Nothing Here But The Recordings*,

de 1981, em que alguns ruídos são executados juntamente com a leitura de Burroughs, que inclui novos trechos ao primeiro esboço.

Assim, torna-se possível realizar uma aproximação entre esse exercício de escrita e o trabalho ético das correspondências gregas e romanas. Se, “[a] carta enviada para ajudar seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui para aquele que escreve uma espécie de treino: um pouco como os soldados em tempos de paz se exercitam no manejo das armas (...)” (FOUCAULT, 2010a, p. 154), de maneira similar, Burroughs exercita seus pensamentos e sua escrita; os temas pelos quais sua existência reverbera e uma escritura que se desdobrará em outros livros, ou em experimentações com gravações de áudio.

A escrita aparece como função determinante em um trabalho de si ao longo da antiguidade, o que se estende, como se mostrou aqui, pela troca de correspondências *beats*. Assim, a escrita (...) constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*, ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão de Plutarco, uma função *etopoiética*; ela é operadora da transformação da verdade em *êthos*. (FOUCAULT, 2010a, p. 147)

A correspondência aqui, por meio da amizade como suporte para uma elaboração ética, aparece em sentido duplo; trabalho sobre si daquele que recebe a carta e daquele que a envia, por meio de um exercício de escrita que trabalha a existência e forma uma prática literária. A troca de correspondências foi uma prática generosa entre amigos durante a geração *beat*.

Amizades, existências e reverberações

O estilo de vida desses jovens, nos EUA, se dava por meio do uso de substâncias psicoativas, do sexo e da experimentação da vida vinculada à escrita literária, chacoalhando a sociedade de seu tempo. Em 1959, Burroughs publicou na França o seu livro *Almoço nu*, o mais conhecido do autor, escrito na forma de *routines*, fragmentos esparsos e desconexos que rompem com uma linearidade, formando partes isoladas e juntas na composição. Algo como uma colagem de textos escritos pelo escritor. O título do livro foi sugerido por Jack Kerouac.

Só fui entender o significado do título depois da minha recente recuperação. O título significava exatamente o que dizem suas palavras: Almoço NU – um momento paralisado no qual todos são capazes de enxergar o que está cravado na ponta do garfo (BURROUGHS, 2005, p.245).

Esse livro foi escrito ao longo de nove anos tumultuados e concluído com a ajuda de Ginsberg e Kerouac, na justaposição dos fragmentos que o compõem. Como já foi dito, naquele momento, Burroughs estava em Tânger e tinha uma das piores relações com a heroína. Ele definhava, razão pela qual Kerouac foi visitá-lo e chegou mesmo a datilografar os dois primeiros capítulos dos escritos de Burroughs⁴. Seja na organização dos escritos esparsos, ou na digitação de Kerouac, o livro foi concluído com o apoio de seus amigos.

A data de publicação na França não coincide com a data estadunidense. Nos EUA, foi vítima de censura por ser considerado

⁴ Kerouac chega a mencionar que teve pesadelos ao datilografar estes escritos, pela forma com que Burroughs introduz imagens estranhas, cruas e potentes. (Cf. MILES, 1992, p.79)

*obsceno e perigoso*⁵. Houve várias tentativas frustradas de publicação pela editora Groove. Mesmo sem ter sido publicado, inúmeras críticas ferozes ao livro foram lançadas em jornais e revistas, sempre desqualificando a obra enquanto literatura. Em 1962, um livreiro foi preso por comercializar uma cópia produzida pela Groove (o julgamento só foi realizado dois anos depois). Em 1965, o valor literário da obra foi defendido em Juízo por Norman Mailer, Ginsberg e o poeta John Ciardi, mas o caráter de obscenidade prevaleceu e manteve-se a proibição. Somente em 1966 a publicação foi liberada, sob o argumento de *qualidade redentora social*. Esse longo processo marca o final da censura a obras literárias nos EUA.

Pela força que tais amizades reverberaram no seu presente, e para além dele, não cabe tomar a geração *beat* como mero exemplo de como pode se dar uma *estética da existência* para além da antiguidade, já analisada por Foucault. Trata-se de observar o veículo histórico de uma atitude arrebatadora que, nas experiências sinalizadas aqui, tocam o sexo, o uso de drogas e a escrita literária, terminando com o combate moral daquilo que foi considerado nos Estados Unidos da América como um *perigo* à sociedade. É preciso relembrar um breve comentário de Foucault, no qual afirma que

é possível suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja esta uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão a relação de si para consigo (FOUCAULT, 2004, p. 306)

⁵ Para saber mais a respeito deste combate legal contra *Almoço Nu* Cf. ROCHA, 2010.

Edson Passetti (2012), em uma resenha de dois livros sobre o rebelde, boxeador e andarilho Arthur Cravan, analisa seus percursos e a necessidade urgente de olhar para questões atemporais de uma existência inquietante, atual, diante do conservadorismo de hoje. Cravan foi um artista precursor do dadaísmo que, por suas andanças e estilo de vida boêmio e extravagante, pode ser considerado uma procedência esparsa da própria *beat*. A análise de Passetti é clara ao explicar: “Não se trata de buscar exemplos sobre a vida como obra de arte, mas de retomar os ensaios sobre existências rebeldes que abalam épocas em que se digladiam conservadorismos e invenções, onde a inovação não é parte do ajuste ou o aperfeiçoamento da ordem, mas instigadora aos jovens a constatarem o óbvio: vive-se só uma vez!” (PASSETTI, 2012, p.109).

Este artigo reverbera esta inquietação de vida. Voltar o olhar para a geração *beat* é perceber a potência das forças que aqueles jovens ali estabeleceram. Hoje, cabe observar rebeldias que não se contentavam com a institucionalização legal de suas práticas. O que interessava ali eram as experiências que envolviam drogas, sexo e linguagem, afastadas de qualquer regulamentação normativa. Interessa se perguntar o que essas práticas e liberações acarretaram, e, quais os novos governos sobre a vida que foram produzidos, atualizados ou redimensionados. Igualmente, cabe se questionar por onde andam novas produções éticas que fissurem o presente. “Vive-se só uma vez”, esta reverberação não para por aqui.

Bibliografia

- BURROUGHS, William (2005). *Almoço Nu*. Tradução Ana Carolina Mesquita. Ediouro, Rio de Janeiro
- BURROUGHS, William; GINSBERG, Allen (2008). *Cartas do*

- Yage*. Tradução de Betina Becker. Porto Alegre, L&PM.
- BURROUGHS, William; KEROUAC, Jack (2009). *E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques*. Tradução Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.
- COHN, Sergio (2010). “A reflexão atuante” in: *geração beat*. Sérgio Cohn (org). Rio de Janeiro, Azougue Editorial.
- KEROUAC, Jack (2009). *On the Road (pé na estrada)*. Tradução de Eduardo Bueno. Porto Alegre, L&PM.
- FOUCAULT, Michel (2004). *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Salma Muchail. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (2009). *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Manoel Barros da Motta(org.). Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro, Forense.
- _____ (2009^a). *História da sexualidade. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graale.
- _____ (2010). *Repensar a política*. Manoel Barros da Motta(org.) Tradução Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Forense.
- _____ (2010^a). *Ética, Sexualidade, Política*. Manoel Barros da Motta(org.) Tradução Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Forense.
- GINSBERG, Allen (2006). *O Uivo*. Tradução Claudio Willer. Porto Alegre, L&PM.
- MILES, Barry (1992). *William Burroughs: El hombre invisible*. New York, Hyperion.
- _____ (2012). *Jack Kerouac: king of the beats*. Tradução Roberto Muggiatti, Cláudio Figueiredo e Beatriz Horta. Rio de Janeiro, José Olympio.
- PASSETTI, Edson (2003). *Ética dos amigos: invenções libertárias de vida*. São Paulo, Imaginário.
- _____ (2012). “Arthur Cravan, um andarilho urgente” in *revista ecopolítica n.3*. São Paulo, nu-sol / puc-sp/ fapesp.

STIRNER, Max (2004). *O Único e sua Propriedade*. Lisboa, Antígona.

ROCHA, Servando (2010). “El Irresistible Peligro de El Exterminador” in: *El exterminador hizo bien su trabajo: juicio contra William Burroughs*. La Felguera, Madrid.

Vídeos

EPSTEIN;FRIEDMAN (2010). *O UIVO* [Filme-vídeo]. Produção de Rob Epstein, Jeffrey Friedman, Elizabeth Redleaf, Christine Kunewa Walker, Guns Van Sant e Jawal. NGA. Nova York.